

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

BIBLIOTECA ESCOLAR: A HORA E A FORMA DE ROMPER AS PAREDES

Raquel Miranda Vilela Paiva (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

SCHOOL LIBRARY: THE TIME AND THE WAY TO BROKE DE WALLS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo se propõe analisar a atuação da biblioteca escolar junto aos Nativos Digitais, focando na atuação do bibliotecário. A análise será feita utilizando dados coletados durante trabalho de campo para pesquisa de Doutorado. A biblioteca escolar tem sua história e desenvolvimento atrelados diretamente à Educação. Contudo, resultados de investigações sobre esse espaço do ponto de vista do aluno e do impacto sobre sua aprendizagem ainda são incipientes em nosso país. A pesquisa foi realizada em 03 (três) escolas, sendo 02 particulares e 01 pública. Foram entrevistados alunos de 13 a 19 anos, após um período de 03 meses de observação etnográfica não participante. Das escolas pesquisadas, a primeira possui uma biblioteca com os moldes tradicionais e aberta aos alunos, a segunda possui também uma biblioteca tradicional, mas com acesso restrito e a terceira inovou nos moldes da biblioteca, que, para acompanhar a filosofia de ensino da instituição, teve seu acervo transportado e alocado nos salões de conhecimento onde os alunos desenvolvem as atividades de ensino. A pesquisa demonstrou que romper as clássicas paredes da biblioteca não se mostrou a forma mais eficaz de atingir os alunos. Nas entrevistas foi possível notar que os alunos sentem falta de uma postura mais mediadora do bibliotecário facilitando o acesso à informação. Dessa forma, romper as barreiras somente será possível a partir do momento em que o bibliotecário estabelecer uma relação mais próxima não apenas dos professores, mas também dos alunos.

Palavras-Chave: Nativos Digitais; Biblioteca Escolar; Mediação

Abstract: This article aims to analyze the performance of the school library among the Digital Natives, focusing on the role of the school librarian. The analysis will be done using data collected during fieldwork for PhD research. In Brazil, the school library has its history and development linked directly to Education. However, research results on this space from the student's point of view and the impact on their learning are still incipient in our country. The research was carried out in 03 (three) schools, being 02 private and 01 public. Students aged 13 to 19 years were interviewed, after a period of 03 months of non-participant ethnographic observation. Of the schools surveyed, the first has a traditional and always open to students library, the second has also a traditional library, but with restricted access, and the third innovated in the mold of the library, which, to follow the teaching philosophy of the institution, had its collection transported and allocated in the halls of knowledge

where the students develop the teaching activities. Research has shown that breaking the library's classic walls has not been the most effective way to reach students. In the interviews, it was possible to notice that the students feel the lack of a more mediating position of the librarian, facilitating the access to the information. In this way, breaking the barriers will only be possible once the librarian establishes a closer relationship not only to the teachers, but also to the students.

Keywords: Digital Natives; School Library; Mediation.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a era pós-industrial se caracteriza por uma sociedade centrada na informação e no conhecimento. Sua economia é alicerçada e dependente da comunicação. O termo Sociedade da Informação se propõe a substituir a expressão “sociedade pós-industrial”, a fim de frisar o conteúdo principal desse novo paradigma – a informação. Esta nova configuração da sociedade se caracteriza por possuir a informação como sua matéria-prima, pelo predomínio da lógica de redes, e ainda graças à flexibilidade permitida pela crescente convergência de tecnologias, que terminam por interligar diferentes áreas. Apesar de ainda existirem dissensos em torno de conceitos e da dimensão dessa sociedade, um ponto que é consenso entre os analistas é a velocidade incrível na qual esse novo paradigma se apresenta (NEHMY e PAIN, 2002). Dessa forma, a chamada Sociedade da Informação traz consigo novos paradigmas educacionais, conforme acentua Furtado (2004):

Uma vez que um dos novos paradigmas da educação é aprender a aprender; isto é, adquirir habilidade para aprender, saber obter, utilizar e gerar nova informação; os sistemas de informação tornam-se extremamente importantes, pois podem contribuir para a sua democratização, ou seja, facilitar e aumentar o seu acesso e, mais ainda, contribuir para que a informação recebida transforme-se em conhecimento, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos (FURTADO, 2004, online).

Nesse novo paradigma educacional, o sujeito é responsável por seu aprendizado, independente do contexto no qual se insere. Morin (2006), a pedido da UNESCO, elaborou uma obra na qual analisa a atual sociedade e traça reflexões sobre o que ele chama de sete saberes necessários à educação do futuro, a saber: 1. as cegueiras do conhecimento (é necessário conhecer o que realmente é conhecer); 2. os princípios do conhecimento pertinente; 3. ensinar a condição humana; 4. ensinar a identidade terrena; 5. enfrentar as incertezas; 6. ensinar a compreensão; 7. a ética do gênero humano. As reflexões de Morin (2006) deixam claro que pensar a educação desse século é ir além do que estava posto até então. Assim, o aluno deixa de ser um repositório do saber transmitido pelo professor e passa a ser um cidadão terrestre em formação, com sua complexidade e vivendo em uma sociedade também complexa.

Diante da atual conjectura social, o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário ganha destaque, pois esse espaço e esse profissional têm papel preponderante na formação dos alunos, dentro de uma perspectiva do letramento informacional.

O presente artigo se propõe a refletir sobre a biblioteca escolar contemporânea e sua atuação junto aos alunos atuais, os chamados nativos digitais. O foco da análise será na atuação

do bibliotecário nesse contexto. Assim, a partir de dados preliminares de uma pesquisa de doutorado, pretende-se analisar algumas possibilidades da biblioteca escolar frente a esse novo público. Na pesquisa, alunos de 03 escolas diferentes foram observados e, em seguida, participaram de uma entrevista de cunho etnográfico.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR

O desejo humano pela acumulação de todo conhecimento produzido marca a história da origem das bibliotecas. Pensando dessa forma, a Internet poderia representar a realização do desejo de acumulação do conhecimento humano (FURTADO, 2007).

Já a história da biblioteca escolar está intimamente ligada à história da Educação. No Brasil, essa história se apresenta de forma lacunar e possui suas origens nos colégios religiosos, cujos declínios se iniciam no final do século XIX, o que abre possibilidades para a instalação das escolas chamadas normais.

Sobre a criação das primeiras bibliotecas escolares em terras brasileiras, Válio (1990) destaca que

A criação de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. A primeira a ser criada foi a Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, em 30 de junho de 1880 e, anos depois, em 16 de junho de 1894, inaugura-se a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital (INL, 1944¹) (VÁLIO, 1990, p. 18).

Apesar da implantação da primeira biblioteca escolar, com as características que conhecemos hoje, ter ocorrido no final do século XIX, os debates e reflexões sobre esse espaço e suas funções só começaram a partir de meados do século XX. A partir da análise dessas discussões é possível perceber alterações no conceito de biblioteca escolar no decorrer das décadas, bem como em suas conjecturas e desafios. As mudanças afetam também a atuação do bibliotecário no contexto escolar.

Em trabalho desenvolvido por Vianna, Carvalho e Silva (1999) foi possível, a partir da análise de uma série de documentos, identificar 16 (dezesesseis) conceitos para a biblioteca escolar.

Os primeiros estudos desenvolvidos apontam que a biblioteca escolar era vista como laboratório, local propício à pesquisa escolar. Dentre os autores citados na referida revisão,

¹ INL. **Guia das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

Costa (1975) já vislumbrava o papel pedagógico da biblioteca. Essa visão do espaço enquanto laboratório é frequentemente retomada nos diversos conceitos, no decorrer dos tempos.

A análise dos vários conceitos para a biblioteca escolar aponta alterações no decorrer das décadas de 1970, 1980 e 1990. Essas alterações refletem as mudanças que também ocorreram na Educação brasileira. Antes da década de 1970, a literatura sobre biblioteca escolar era composta predominantemente por manuais para implantação ou manutenção desses espaços. Essa realidade pode ser creditada ao fato de a educação desta época não se caracterizar pelo debate, tendo o livro-texto como base do processo ensino-aprendizagem.

No conceito tradicional de educação deve-se desenvolver uma habilidade cumulativa e repetitiva do aluno. Assim, a biblioteca escolar tinha seu papel restrito ao mero depósito de livro e sua função básica era a reprodução da ação repressora e unilateral exercida em sala de aula. Nesse contexto, a biblioteca escolar não era valorizada, já que o professor e o livro-didático eram tidos como os únicos transmissores de conhecimento.

Na década de 1970, a escola deveria formar sujeitos economicamente produtivos, de acordo com o modelo capitalista de educação. Nesse momento as discussões sobre cidadania afloram. Nesse contexto, a Lei nº 5692 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971) propõe a reformulação do ensino, cujo objetivo geral passa a ser proporcionar ao aluno a formação de habilidades que possibilitem seu desenvolvimento para autorrealização, para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania. Assim, a formação humanista cede espaço a ações voltadas para se formar mão de obra qualificada.

Essas mudanças se refletem também nas bibliotecas escolares, que assumiram a imagem de um centro de informações e de cultura a serviço da comunidade escolar. A pesquisa escolar ganha força como método de ensino-aprendizagem e a formação de leitores é uma das grandes funções da biblioteca. Porém, essa mudança de visão da biblioteca ainda se encontra enquanto expectativa e não reflete a realidade.

A década de 1980 trouxe as discussões sobre as novas tecnologias. A Lei 7044/82 (BRASIL, 1982) modifica a Lei 5692/71 (BRASIL, 1971), mas mantém como objetivo do ensino quatro ideias consideradas fundamentais:

- o desenvolvimento das potencialidades do educando;
- a auto-realização;
- preparação para o trabalho;
- preparação para o exercício consciente da cidadania (SILVA, 2001, p. 40-41).

Essa década trouxe para a biblioteca escolar um impulso em suas discussões, desde sua conceituação até as formas de se usufruir dos benefícios oferecidos pelas novas tecnologias. A literatura da época mostra a importância desse espaço como recurso ao processo de ensino, servindo de local alternativo para o desenvolvimento deste processo, contradizendo o conceito tradicional da biblioteca escolar.

A biblioteca passou a ser vista como necessária, ao se colocar como instrumento de apoio ao ensino, e passou a oferecer seus serviços também aos professores, ampliando seu escopo de usuários.

A ampliação do uso da biblioteca pela comunidade escolar possibilita aos alunos outras opções na busca do conhecimento, já que, até então, se limitavam às informações contidas nos livros-textos ou livros-didáticos. Nesse contexto, a prática da pesquisa escolar ganha espaço na arena de debates, e são apontados pontos positivos e pontos negativos. Um ponto negativo bastante criticado é o fato de que, geralmente, a pesquisa escolar na biblioteca tenha virado sinônimo de mera cópia.

Juntamente com o debate sobre pesquisa escolar, a importância de se formar leitores ganha força na literatura da área. A biblioteca se mostra como uma forma de garantir ao cidadão o direito de acesso à leitura. Contudo, a forma de se realizar tal iniciativa ainda não é plenamente eficaz. Apesar de tantos discursos em prol da importância da biblioteca, se constata, através da literatura da década de 1980, que ela ainda se encontra de forma precária.

A partir da década de 1990 o foco da ação passa a ser o educando: sua liberdade é reconhecida, suas potencialidades são desenvolvidas e o há um estímulo ao aprendizado contínuo. Dessa forma, a biblioteca ganha novas funções, afim de realmente contribuir para a formação do aluno.

A Sociedade da Informação demanda um novo modelo de indivíduo, mais flexível, atento a mudanças, crítico e consciente de seus direitos e deveres. Essa mudança se reflete também na educação e, conseqüentemente, na biblioteca escolar. Nesse contexto, o indivíduo deve ser capaz de selecionar o que lhe é relevante, privilegiando as habilidades de leitura, pesquisa e seleção. Com isso, a postura do professor deve se alterar e a biblioteca escolar se mostra como o local mais propício ao exercício dessas habilidades.

A literatura da década de 1990 retoma conceitos anteriores, ora destacando a importância da informação, ora destacando a importância da convivência sócio-cultural. Com a

Internet, a pesquisa ganha importância, ainda que alguns problemas persistam. A leitura continua a ser valorizada, também com seu lado lúdico, de fruição e prazer.

Contudo, as pesquisas desenvolvidas na década de 1990 no Brasil mostram que a biblioteca escolar não está presente na maioria das escolas, principalmente nas escolas públicas. Apresentam também vários problemas desse espaço, como a falta de condições de funcionamento, falta de recursos humanos, acervo e investimentos.

Encontram-se também trabalhos que buscam, em sua maioria, estabelecer o conceito sobre biblioteca escolar. Silva (2001) faz um breve resumo dos temas tratados:

- a necessidade de a biblioteca escolar estar integrada ao trabalho proposto e desenvolvido na escola e principalmente em sala de aula, servindo à escola e dando suporte as suas atividades;
- a importância da biblioteca escolar para fornecer suporte informacional ao ensino, constituindo-se extensão da sala de aula;
- sua contribuição para a melhoria do ensino e melhor compreensão da ação educativa da escola e redução da distância cultural entre o educando e seu meio social;
- sua atuação como instrumento de apoio pedagógico, para atender aos interesses individuais do educando, permitindo-lhe aquisição personalizada de conhecimento;
- seu compromisso com o desenvolvimento de hábitos de leitura, pesquisa, frequência à biblioteca, além de sua responsabilidade com a formação do cidadão;
- em alguns casos como forma de suprir a falta de uma biblioteca pública, dentre outros (SILVA, 2001, p. 24-25).

É possível constatar que a biblioteca escolar ainda não se solidificou no Brasil. Não são todas as escolas que possuem esse equipamento e, ainda menor é o número das que possuem o profissional bibliotecário em seu quadro de funcionários. Garcez (2007) destaca que apenas 1,4% das instituições de ensino que possuem biblioteca possuem também o bibliotecário. Essa situação sugere que a importância da biblioteca escolar permanece na teoria.

Talvez essa realidade possa ser justificada, entre outras razões, por ações políticas fragmentadas nessa área, contribuindo para um funcionamento precário das bibliotecas e uma atuação insatisfatória.

A implantação de um programa ou sistema de bibliotecas escolares, no Brasil, deve estar inserida nos planos, metas e estratégias dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais, assim como também deve ser sustentada por uma legislação e estar vinculada ao conjunto de leis que regem o sistema educacional (FURTADO, 2004).

Outro problema que pode contribuir para essa realidade é a falta de conhecimento por parte do corpo docente do papel e das possibilidades da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2001).

Essa situação delicada das bibliotecas escolares foi vivida nos Estados Unidos na década de 1980, como se pode verificar no fato das mesmas serem ignoradas no documento *A Nation at Risk: the imperative for educational reform* (NATIONAL COMMISSION ON EXCELLENCE IN EDUCATION, 1983). Essa ausência causou revolta nos bibliotecários americanos da época, que iniciaram movimentos para mostrar a importância da biblioteca na formação dos alunos. Iniciou-se, com isso, o movimento de competência ou letramento informacional (CAMPELLO, 2003).

2.1 O letramento informacional

Conforme a literatura, o termo Competência Informacional surgiu em 1974, no trabalho de Paul Zurkowsky (DUDZIAK, 2003; MELO; ARAÚJO, 2007). O termo utilizado foi *Information Skill*, em um relatório para a *National Commission on Libraries and Information Science*, intitulado "*The information service environment, relationship and priorities*" e estava interessado em criar um plano decenal para a capacitação de estudantes para o consumo de produtos informacionais. "O termo *Information Skills* referia-se a pessoas capazes de resolver seus problemas de informação utilizando-se de fontes relevantes, onde se incluía a utilização de tecnologia" (MELO; ARAÚJO, 2007).

A literatura científica brasileira ainda debate a respeito do conceito de competência informacional e sobre a melhor tradução do termo em inglês, *Information literacy*. Segundo Campello (2003) coube a Caregnato (2000) a primeira menção ao termo no Brasil:

novas formas para designar o serviço educacional oferecido pelas bibliotecas aos seus leitores: desenvolvimento de habilidades informacionais (em inglês, "*information skills development*") e alfabetização informacional (em inglês, "*information literacy*"). Os termos utilizados já denotam uma preocupação com a expansão do conceito e se mostram particularmente atraentes no momento em que se fala da sociedade da informação (CAREGNATO, 2000, p. 50).

Dudziak (2003) definiu competência informacional como:

[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2003, p. 28).

O surgimento do termo competência informacional na literatura brasileira de biblioteconomia e ciência da informação traz reflexões de autores que percebem a necessidade

de se ampliar a função pedagógica da biblioteca, construindo um novo paradigma educacional para esta e, assim, ampliando o conceito de educação de usuários e repensando o papel do bibliotecário no processo de aprendizagem (CAMPELLO; ABREU, 2005).

De acordo com essa premissa, o bibliotecário ou o profissional da informação passa a ter um papel diferenciado nos processos de educação do usuário, de forma a atender mais adequadamente suas necessidades frente à sociedade da informação. Essas novas atribuições contribuem para que o bibliotecário deixe de ser apenas um profissional com funções técnicas e passe a interagir com os usuários (SILVEIRA; VITORINO; SANTOS, 2013).

Dessa forma, se faz necessário romper com a noção de biblioteca como um mero apêndice da escola, tornando-a um espaço vital no processo de ensino-aprendizagem, tanto dos alunos quanto do coletivo da escola (DIAS; SANTOS, 2004). "Pode-se considerar que o letramento informacional constitui um passo à frente na trajetória da profissão bibliotecária, na busca de maior espaço para exercer seu papel educativo" (CAMPELLO, 2009a, p. 7).

O letramento informacional ou competência informacional possui, em seu conceito, três articulações básicas: a sociedade da informação, a tecnologia da informação e o construtivismo. Diante desses conceitos e das novas perspectivas da sociedade, pode-se perceber que o conceito de *information literacy* é composto por:

- O processo investigativo (ou de pesquisa)
- O aprendizado ativo
- O aprendizado independente
- O pensamento crítico
- O aprender ao aprender
- O aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, p. 61).

Esses componentes seguem as premissas do novo modelo educacional, em que o sujeito é responsável pela construção do seu conhecimento e por sua constante atualização.

2.2 O papel pedagógico da biblioteca escolar

Além de se mostrar como uma ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem, a biblioteca escolar precisa pensar sobre a sua atuação. Ela deve ir além do que se espera de uma biblioteca tradicional, ou seja, não basta organizar e disponibilizar o acesso ao acervo, mas é necessário dinamismo e inserção nos aspectos pedagógicos. Como afirma Roca (2012) "tem-se claro que a biblioteca escolar deve vincular-se à prática da leitura e à competência informacional, já que esses conteúdos curriculares requerem e justificam o uso continuado da biblioteca" (ROCA, 2012, p. 15).

O trabalho de Campello *et al* (2011) lista as características mínimas para que uma unidade de informação seja considerada uma biblioteca escolar típica ou tradicional:

- a) funcionar em sala de uso exclusivo;
- b) possuir coleção classificada;
- c) possuir coleção catalogada;
- d) fornecer serviço de consultas no local;
- e) ter serviço de empréstimo domiciliar;
- f) oferecer atividade de incentivo à leitura;
- g) ter serviço de orientação à pesquisa;
- h) contar com um funcionário responsável (CAMPELLO *et al*, p. 109, 2011).

A biblioteca escolar, para atuar de forma educativa, deve ter seu trabalho desenvolvido com o a colaboração da equipe de professores da escola. Como atesta Félix (2014), em escolas onde a cultura escolar favorece essa colaboração é possível encontrar bibliotecas escolares efetivas. Em sua pesquisa, a autora atesta a existência do papel educativo da biblioteca escolar e destaca que,

por fim, como síntese, uma conclusão que emerge é a importância da articulação de professores, bibliotecários e diretores como agentes determinantes para que bibliotecas escolares atuem na aprendizagem, na educação e orientação dos alunos de modo efetivo (FÉLIX, 2014, p. 111).

O bibliotecário necessita repensar sua atuação na biblioteca escolar, de forma atender as expectativas e contribuir para a formação dos alunos.

O bibliotecário, principalmente aquele atuante no contexto escolar, deve estar disposto a servir como catalisador da informação, de forma dinâmica e integrada à atuação pedagógica dos docentes. Dessa forma, deveria dominar não apenas as técnicas biblioteconômicas, mas também ter noções da área de Educação.

Contudo,

deve estar atento, não confundindo sua função, ou seja, ter bem definido quem é o professor e quem é o bibliotecário, pois o bibliotecário não foi preparado para ser professor assim como o professor não foi preparado para ser bibliotecário (ELLWEIN, 2006, p. 91).

Na Sociedade da Informação, onde a informação realmente é o centro das discussões, a biblioteca escolar pode servir como um centro para disseminação cultural, através de atividades como hora do conto, palestras, encontro com escritores, entre outros. Para tanto, deve apresentar um ambiente físico adequado e agradável, que venha a atrair os estudantes (FURTADO, 2004).

Porém, a atuação do bibliotecário no ambiente escolar nem sempre é fácil, como demonstra a pesquisa de Morais (2009), na qual todas as bibliotecárias entrevistadas afirmaram não terem sido preparadas na graduação para coordenarem bibliotecas escolares. Contudo, Campello (2009b) enfatiza haver por parte dos bibliotecários a consciência de seu papel como educadores, indo além das funções técnicas que necessitam desempenhar. Todavia, enfrentam dificuldades, que vão desde o número reduzido de pessoas em sua equipe até o desconhecimento por parte do corpo docente da escola das funções que o bibliotecário deve (ou não) desempenhar.

Campello (2009a) identificou em seu trabalho que o papel educativo do bibliotecário brasileiro, ainda que apareça em discurso desde 1960, ainda não reflete a prática. E um dos entraves para esse papel ser desempenhado de forma mais eficiente é a falta de entrosamento entre o bibliotecário e o professor como já citando anteriormente.

A questão da formação do bibliotecário para atuar no contexto escolar pode ser melhorada através de programas de pós-graduação, como demonstra Pereira (2009) ao analisar a criação do curso de Especialização em Biblioteca Escolar no Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira (CESAT), no Espírito Santo. Conforme a autora, o curso buscou em seu escopo prover os bibliotecários dos conhecimentos necessários para atuar no contexto educacional. Pode-se perceber que a criação de cursos específicos para a atuação do bibliotecário escolar seria uma boa alternativa.

Diante de tantas questões, como destacam Castro e Calil Jr. (2014), os bibliotecários escolares devem estar atentos ao novo público que está nas escolas: os nativos digitais. Esses jovens necessitam de atenção diferenciada e ações voltadas para seu perfil. Trata-se de mais um desafio para os bibliotecários que atuam nas escolas.

2.3 Os Nativos Digitais

Atualmente estamos diante de uma geração de pessoas que já nasceram com a internet, os computadores e os videogames. Esta é uma geração que domina bem a tecnologia, usa o celular (ou melhor, o *smartphone*), o *tablet*, o controle remoto da televisão. Essa geração pode assumir diferentes denominações, segundo os diversos autores.

Ainda que a nomenclatura não esteja bem definida, as características desse grupo estão: são aqueles indivíduos nascidos depois da invenção das tecnologias da informação e da

comunicação, passam boa parte de seu tempo conectados, o que torna a diferenciação entre real e digital nem sempre clara.

Para fins desse artigo se optou utilizar o termo “Nativos Digitais”, conforme Palfrey e Gasser (2008), que os caracterizam como aqueles que têm acesso às tecnologias digitais, possuem habilidades para lidar com essas tecnologias e passam boa parte de suas vidas conectados, não distinguindo sua vida *online* de sua vivência *off-line*.

Lemos destaca (2009) que essa geração é formada por sujeitos que querem as informações de forma rápida e estão acostumados a multitarefas. Assim “os nativos digitais vivem imersos em diferentes comunidades de aprendizagens, abrindo várias janelas ao mesmo tempo” (LEMOS, 2009, p. 39).

A Ciência da Informação, principalmente a Biblioteconomia, no Brasil, ainda se debruçou pouco no tema de Nativos Digitais. A busca em bases de dados acusa poucos resultados, o que demonstra a necessidade de se refletir mais a respeito. Principalmente no caso da Biblioteca Escolar, que atua diretamente com esses novos sujeitos, é primordial compreendê-los e entender o que eles pensam sobre a biblioteca e o bibliotecário.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu em duas etapas: primeiro a observação não-participante e em seguida as entrevistas sob a perspectiva etnográfica. A observação transcorreu no período de 03 (três) meses, em local de acordo com cada sistema de biblioteca observado. Foram pesquisadas três escolas, cada uma com uma especificidade no que diz respeito à questão da biblioteca escolar.

A perspectiva etnográfica foi escolhida por se acreditar ser uma forma mais viável de se aproximar do público alvo da pesquisa, os adolescentes, Nativos Digitais. A observação do campo, como destaca Agrosino, deve registrar, no mínimo:

- Uma explicação do cenário específico (p. ex., escola, lar, igreja, loja);
- Uma relação dos participantes (número, características gerais, p. ex., idades, gêneros);
- Descrições dos participantes (feitas da forma mais objetiva possível: “O homem vestia calças rasgadas e sujas”, não “O homem parecia pobre”);
- Cronologia de eventos;
- Descrições de cenário físico e de todos os objetos materiais dentro dele (detalhadamente, sem pressupor coisa alguma);

- Descrições de comportamentos e interações (evitando interpretações: “o homem chorava e batia na cabeça com os punhos”, não “o homem parecia descontrolado” – especialmente se não for possível gravar em vídeo);
- Registros de conversas ou de outras interações verbais (tão verbais quanto possível, especialmente se não for possível ou desejável ligar um gravador) (AGROSINO, 2009, p.59).

As entrevistas foram realizadas a partir das teorias etnográficas, como descritas na obra de Spradley (1979). Acreditava-se que após o período de observação, o pesquisador não era mais uma pessoa estranha nesses contextos, o que contribuiu para que a entrevista acontecesse de forma mais tranquila. Os alunos foram entrevistados em locais distintos, dependendo de cada escola. A seleção foi definida no decorrer do processo de observação.

A escola A é pública, se localiza no município de Belo Horizonte e possui o que podemos chamar de uma biblioteca tradicional. A escola atende a alunos de 6 a 14 anos, no ensino fundamental e funciona em 2 turnos. A biblioteca se localiza no fundo da escola, e tem um bom espaço físico. Seu acervo fica disposto em prateleiras organizadas conforme as normas da CDD e o espaço conta ainda com quatro mesas. Não tem capacidade ideal para uma turma inteira ao mesmo tempo, mas quando é necessário algumas adaptações são feitas. A bibliotecária responsável atua nesta escola e em mais duas, servindo como coordenadora mesmo do espaço. Além dela, no turno da tarde que foi observado atuam 2 auxiliares de biblioteca e 2 professores em desvio de função. O horário de funcionamento é de 7:00h às 18:00h, inclusive no horário de almoço. O espaço fica aberto à disposição dos alunos, inclusive no horário do recreio. A pesquisa se desenvolveu no turno da tarde, com alunos de 12 a 14 anos, no espaço da biblioteca.

A escola B é particular e possui uma biblioteca pequena, com um acervo limitado e se localiza também nos fundos da escola. Nessa biblioteca o funcionamento é bastante restrito, sendo 12 horas por semana com o bibliotecário, para atender aos 2 turnos. Dessa forma, a biblioteca funciona por poucos períodos na semana, o que não cria um hábito de uso nos alunos. Apesar do bibliotecário só estar presente na escola por poucas horas semanais, alguns professores utilizam o espaço para aulas diversificadas. A pesquisa foi realizada no turno da manhã, com alunos entre 14 e 18 anos e a observação estendeu-se ao espaço da sala de aula, uma vez que o horário de funcionamento da biblioteca era restrito.

A escola C também é particular, mas possui um método de ensino diferente do tradicional utilizado pela maioria das escolas do município. Seu método pressupõe uma mudança na perspectiva de ensino. As aulas expositivas foram substituídas por uma

metodologia de roteiros de estudos individuais, conforme a premissa do *guided inquiry* (KUHLETHAU; MANIOTES; CASPARI, 2007; 2012). Dentro dessa premissa, as salas de aula tradicionais foram transformadas em salões do conhecimento, onde os alunos de um mesmo ciclo compartilham o espaço, uma temática e os professores. Desse modo, os salões do conhecimento são divididos pela área do conhecimento, ou seja, o salão ambiente de Ciências Naturais e Matemática e o salão ambiente de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens.

Seguindo a filosofia da escola, em 2015 a Biblioteca também se modificou: a biblioteca deixou de se localizar em um cômodo ou edifício específico para tal e seu acervo foi distribuído nos salões de conhecimento, de acordo com a faixa etária e as disciplinas do conhecimento. Também nos salões de conhecimento é possível acessar informação através dos computadores dispostos em mesas próximas às estantes de livros. Na escola trabalha uma bibliotecária, que atua basicamente no processamento técnico do acervo. O empréstimo e a devolução são feitos pelos próprios usuários. Portanto, durante todo o período que o aluno está na escola, em atividades, ele está presente na biblioteca, uma vez que se considera que os salões do conhecimento e a biblioteca se fundem em equipamento único. A pesquisa foi realizada no turno da manhã, com os alunos com idade entre 13 e 18 anos e no salão do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens.

Os meses de observação serviram para conhecer cada escola e, de acordo com suas especificidades a observação foi diferente em cada uma. Na escola A, a observação foi realizada na biblioteca, durante todo o turno de aula. Essa opção de local de observação se deveu ao fato de que a biblioteca era movimentada e utilizada pelos alunos. Na escola B, como o tempo que a biblioteca ficava disponível era curto, os alunos frequentavam pouco o espaço. Assim, optou-se por fazer a observação na sala de aula, acompanhando um dos professores da escola nas várias turmas em que ele lecionava. Na escola C, por suas características próprias, a observação foi realizada no salão de conhecimento de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens, uma vez que sala de aula e biblioteca estavam no mesmo ambiente.

3.1 RESULTADOS

As observações apontaram algumas questões para reflexão. Como dito anteriormente, em cada escola a observação foi feita de forma diferente, mas sempre com foco nos alunos, de forma a conhecê-los e a compreender como eles lidam com as informações, os livros, e por consequência, a biblioteca. Na escola A pode-se observar que, no início do semestre, a maioria

dos alunos buscava o espaço da biblioteca como um local tranquilo para o uso do celular. Assim, via-se em torno de 15 alunos, na hora do recreio, deitados no chão usando o celular. Essa situação mudou no decorrer dos meses a partir do trabalho da equipe da biblioteca, que buscou realizar atividades que estimulassem o uso dos livros e do espaço da biblioteca para leitura.

Na escola B, a observação começou na biblioteca, mas, com a destituição da bibliotecária logo no início do trabalho de campo e ainda devido ao pouco tempo que o espaço ficava disponível para os alunos, a atividade foi transferida para a sala de aula. Assim, foi possível conhecer os alunos de 06 turmas, acompanhando como eles buscam o conhecimento e aprofundando a relação com os sujeitos da pesquisa. Pode-se perceber que, em sua maioria, os meninos demonstravam mais interesse na aula do que as meninas. Além de demonstrarem maior atenção, interagiam mais, relacionavam as informações novas com as anteriores, promoviam muitas reflexões para além do que estava sendo explicado pelo professor.

Na escola C a observação possibilitava ver no mesmo espaço a “aula”, não uma aula expositiva, mas a realização das tarefas pelos alunos, e o uso da biblioteca. Percebeu-se que o uso do acervo era bastante limitado ao que era solicitado nos roteiros de estudo. Como dito anteriormente, nessa escola os alunos estudam através de roteiros pré-elaborados pelos professores das disciplinas. Nesses roteiros já era indicado o livro-didático ou a apostila que deveria ser lido para responder as questões. Foi percebido que os alunos não iam além do que estava indicado, não buscavam fontes adicionais. Quanto ao acervo literário, era pouquíssimo utilizado pelos alunos.

Com base nas observações, foram selecionados os alunos para a entrevista de perspectiva etnográfica. Assim, a entrevista tinha a proposta de ser quase uma conversa, para que os sujeitos se sentissem a vontade para expor suas opiniões. Dessa forma, ainda que o roteiro fosse razoavelmente longo, a entrevista transcorreu de maneira leve e conseguiu que os participantes se abrissem.

A entrevista possuía 05 blocos de perguntas, para que fosse possível conhecer o sujeito entrevistado, sua relação com a escola, sua relação com a informação, sua relação com a comunicação e, finalmente, sua relação com a biblioteca.

Para fins desse artigo, os dados referentes ao uso da biblioteca por parte dos alunos pesquisados serão destacados. Assim, foi possível notar a importância do bibliotecário como mediador entre a biblioteca e os alunos.

As observações mostraram que, na escola A, a intervenção da equipe da biblioteca contribuiu para que os alunos frequentassem mais o espaço. Contudo, algumas situações mostraram uma certa tensão entre usuários e auxiliares de biblioteca, perceptível na hora da observação, e se confirmou em algumas entrevistas, como na fala relacionada a atitudes de afastam o aluno da biblioteca, “ah, ficar toda hora tipo, a pessoa comentar do livro com alguém que tá do lado, aí a pessoa fica ‘ah, faz silêncio!’, fica xingando” (Entrevistado 1). Na escola B, onde o acesso ao espaço era bastante restrito e, no período da observação houve saída da bibliotecária e demorou algum tempo para que outra chegasse, os alunos não criaram vínculo, nem com a biblioteca nem com a bibliotecária. Na escola C, a bibliotecária atuava predominantemente no processamento técnico do acervo. Durante o período de observação, somente em uma ocasião a profissional esteve no salão do conhecimento para um treinamento coletivo com os alunos e professores sobre a nova ferramenta de pesquisa ao acervo e de auto empréstimo.

Nas entrevistas foi interessante notar que, ao descreverem suas bibliotecas ideais (ou dos sonhos) muitos alunos não pensavam em colocar bibliotecários para atuar no espaço, mas eles próprios ou alguém intimamente ligado a eles. Outros indicavam inicialmente que não colocariam alguém atuando no espaço e mais a frente reviam suas ideias e destacavam a importância de um profissional para auxiliar os usuários, como se segue:

Trabalharia alguém lá? Acho que ninguém, acho que a pessoa podia ir lá pegar o livro e depois devolver (Entrevistado 1).

Importância de um profissional trabalhando na biblioteca: acho que não é necessário... não, acho que seria pra... atender as suas dúvidas, se tivesse (...) pra indicar algum livro, também, seria legal (Entrevistado 1).

Alguns alunos destacaram momentos desagradáveis com o bibliotecário, devido a pouca interação com o mesmo. Contudo, em um dos casos, o entrevistado cita um acontecimento que mudou essa relação e a visão do mesmo sobre esse profissional. A história narrada pelo aluno foi quando entrou chorando e nervoso um dia na biblioteca da escola:

(...) eu entrei na biblioteca chorando, a moça da biblioteca ela era... ela falava sempre “shiuuu” pra gente, pra qualquer coisa, aí ela chegou pra mim e ficou perguntando o quê que tinha acontecido, aí eu expliquei... aí a moça, aí a moça virou muito minha amiga. Então assim, eu acho que esse dia foi especial assim, porque a partir de adiante ela sempre me ajudava pra qualquer coisa (Entrevistado 2).

Na escola C, onde a biblioteca rompeu as barreiras físicas e se “mudou” para os salões de conhecimento, a proximidade da bibliotecária ficou comprometida e foi sentida pelos alunos,

como se pode notar na seguinte fala de um aluno que descrevia sua reação com a mudança de configuração da biblioteca:

Nossa! Eu fiquei meio assustada... gente, o que vai ser de mim sem a biblioteca? Sem a bibliotecária que eu gostava tanto que era a [nome da bibliotecária]... (Entrevistada 3).

As falas dos alunos demonstram a necessidade que eles possuem ter alguém para auxiliar na busca de materiais na biblioteca, assim como para sugerir livros para leitura, como pode ser exemplificado pelas falas seguintes:

Essa pessoa [que trabalharia na biblioteca] para te fazer pegar um livro para te agregar valor e não só para... é para te fazer ver que aquele livro é legal, para você não ficar aí... eu tô (sic) perdendo meu tempo, aí começa a ficar com sono... [uma pessoa] para instigar, ver um pouquinho daquela pessoa, ver o quê que aquela pessoa tem que pode instigar ela a querer ler um livro (...) se interessar por aqueles [livros] (Entrevistado 4).

eu acho que é muito importante assim ter gente [profissional na biblioteca] que possa te guiar um pouco no processo de aprendizagem, de busca [de livros para pesquisa] essas coisas assim (Entrevistado 5).

Encontram-se também alunos que acreditam que a função do bibliotecário é zelar pela conservação, organização e controle do acervo, bem como manter a ordem no espaço da biblioteca:

Tem que ter sempre alguém assim... pra vigiar [o acervo]... mesmo que...as pessoas que vão lá é bom né...é... eu acho que sim... (Entrevistado 6).

Muito [importante ter um profissional na biblioteca], não tem como, as pessoas não têm discernimento de ficar fazendo silêncio o tempo todo então tem que ter alguém para pedir para as pessoas ficarem quietinhas (Entrevistado 7).

Ou seja, a presença do bibliotecário é valorizada, tanto para a mediação quanto para manter a ordem do espaço, contudo, uma postura muito rígida causa um efeito oposto nos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a verificar como o bibliotecário no contexto escolar e frente a geração dos Nativos Digitais é visto e compreendido pelos mesmos. Na entrevista havia dois momentos distintos em que se questionava sobre o bibliotecário, mas outros dados apareceram também no momento em que os alunos respondiam sobre suas relações com as bibliotecas de suas escolas.

Dois grupos distintos de alunos se destacaram: aqueles que, pela pouca ou nenhuma convivência com um bibliotecário atuante e mediador, são incapazes de reconhecer o valor desse profissional, uma vez que nunca experimentaram sua existência, e aqueles que começam a entender a importância da atuação do bibliotecário e são capazes de enumerar algumas de suas funções: manter a ordem do espaço, sugerir leituras, ajudar a localizar materiais e informação, etc.

Foi possível notar que, se por um lado apareceu um certo desconforto dos mesmos com profissionais rígidos e, mesmo quando em um dado momento a presença do mesmo não era importante, numa análise mais detalhada os alunos valorizaram a atuação de um profissional. Pode-se dizer que o bibliotecário, para atuar junto a esse público, deve ter em mente que as regras são importantes, mas a comunicação também é. Os alunos necessitam ser acolhidos e mediados com os materiais e possibilidades da biblioteca. É necessário estabelecer um diálogo e um relacionamento com esses alunos, de caráter muito mais próximo que de usuários adultos.

É importante o bibliotecário no contexto escolar se preocupar com a forma de se comunicar com os alunos. Como os depoimentos dos entrevistados demonstram, é o momento de deixar de lado a postura do bibliotecário que apenas expressa o “shiiiiuuu” e impõe a lei do silêncio, para aquele que acolhe e reconhece os alunos, que os atende de forma amigável, caminhando com eles pelo mundo da leitura e da informação. A comunicação é uma ferramenta importante para o estabelecimento dessa relação.

Romper as barreiras da biblioteca não implica somente quebrar paredes. Levar a biblioteca para perto do aluno não se mostrou eficaz. O que se precisa fazer é romper as barreiras do bibliotecário, aumentando sua interação e participação não apenas no coletivo de professores da escola, mas também na vida dos alunos.

As premissas do movimento de competência informacional podem servir de base para a atuação do bibliotecário, que deve compreender seu usuário e suas novas necessidades de informação e de serviços de informação suas maneiras de lidar com as informações e de se comunicar também no ambiente digital, de modo a atuar eficazmente na mediação da informação. A mudança deve começar pelo profissional e sua postura, para que as barreiras entre a biblioteca escolar e os nativos digitais possam ser rompidas.

O trabalho demonstrou o pouco conhecimento dos alunos sobre as possibilidades de atuação do bibliotecário no seu processo de aprendizagem, e cabe a este mostrar o seu valor. Para tanto, faz-se necessário repensar também as possibilidades de comunicação com esses

alunos. Assim, será realmente possível ao bibliotecário interagir e auxiliar os nativos digitais tanto no seu processo de aprendizagem formal, como na forma de viver na Sociedade da Informação de modo mais eficaz.

REFERÊNCIAS

AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 5692/71**. Brasília: 1971.

BRASIL. Lei nº 7.044/82, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização de ensino de 2º grau.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva pelo letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set-dez/2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009a.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b. (Coleção Biblioteca Escolar).

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p. 178-193, jul./dez. 2005.

CAMPELLO, Bernadete S. et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 105-120, maio/ago. 2011. CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidade informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CASTRO, Jaqueline Ferreira Silva; CALIL JUNIOR, Alberto. Nativos Digitais: um novo perfil de usuário. In: XV ENANCIB, 15, 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais... Além das nuvens: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação**. Belo Horizonte, MG: ECI/UFMG, 2014. p. 1547-1554.

COSTA, Tarcilla Martins da. Biblioteca escolar do Centro Pedagógico da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 278-282, set. 1975.

DIAS, Maria Célia Pessoa Ayres; SANTOS, Lilia Virgínia Martins. Desenvolvimento do acervo das bibliotecas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **ANAIS DO SEGUNDO**

SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/309.pdf>>. Acesso em: 15 /06/2015.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, /abr, 2003.

ELLWEIN, S. A. F. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio? In: SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 79-96. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

FÉLIX, Andreza Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares: a perspectiva da cultura escolar - uma análise de múltiplos casos na RME/BH**. 2014. 124 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9UFN8D>>. Acesso em: 01/04/2015.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **ANAIS DO SEGUNDO SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004**. Disponível em: < <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 15/04/2017.

FURTADO, José Afonso. “O Mito da Biblioteca Universal”. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Nº 2, p. 37-55, 2007.

GARCEZ, Eliane. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB**, Florianópolis. v. 12, n.1, 2007.

KUHLTHAU, Carol C.; MANIOTES, Leslie K.; CASPARI, Ann K. **Guided Inquiry: Learning in the 21st century**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2007.

KUHLTHAU, Carol C.; MANIOTES, Leslie K.; CASPARI, Ann K. **Guided Inquiry Design: a framework for inquiry in your school**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012.

MELO, Ana Virgínia Chaves de; ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14/04/2017.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. **Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte**. 2009. 185 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2006. 118 p.

NATIONAL COMMISSION ON EXCELLENCE IN EDUCATION. A Nation at Risk: The Imperative for Educational Reform. **The Elementary School Journal**, Chicago, v. 84, n. 2 (Nov., 1983), p. 112-130.

NEHMY, Rosa M. Quadros, PAIN, Isis. Repensando a sociedade da informação. **Perspect. Cien. Inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 9-12. jan./jun.2002.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PEREIRA, Gleice. A formação do bibliotecário escolar. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17, 2009, Campinas. **Anais do 17º COLE**, Campinas, SP: ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 20/04/2017. ISSN: 2175-0939

ROCA, Glória Durban. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Porto Alegre: Penso, 2012. 110p.

SILVA, Mônica do Amparo. **Biblioteca escolar e professor**: duas faces da mesma moeda? Investigação sobre a interação entre a biblioteca escolar e o professor do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino. 2001. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SILVEIRA, Lúcia da; VITORINO, Elizete Vieira; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Competência informacional em pesquisadores na área de educação. In: XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Anais...** Florianópolis, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1513/1514>>. Acesso em: 14/07/2017.

SPRADLEY, James P. **The ethnographic interview**. New York: Harcourt College Publishers, 1979.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, jan/abr. 1990, p. 15-24.

VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Natália Guiné de Mello; SILVA, Rosana Matos da. Entre luz e sombra...: uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 17-30. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.